



Colégio Regina Coeli e a história da Educação no Município de Veranópolis

Marina Matiello¹ – UCS

Resumo: O presente artigo apresenta o resultado parcial da pesquisa de mestrado: “História do Colégio Regina Coeli: De Escola Confessional à Escola Comunitária (1948-1980)”. A pesquisa, que está sendo desenvolvida, tem o objetivo de produzir uma narrativa da história do Colégio Regina Coeli, nos anos de 1948 a 1980, localizado em Veranópolis, buscando analisar as motivações e possíveis transformações decorrentes da passagem de uma escola confessional para uma comunitária, atentando para as culturas escolares. Baseada nos pressupostos da História Cultural, a metodologia utilizada é a análise de documentos e a história oral, através de entrevistas com sujeitos que participaram da história da instituição. Neste momento, algumas considerações importantes sobre o município, sobre a história da educação e do Colégio Regina são apresentados, sendo resultado de pesquisa bibliográfica. Os documentos ainda estão sendo coletados, já tendo sido encontrados registros escritos e fotografias, principalmente em relação à fundação e os primeiros anos da escola.

Palavras-chave: história da educação, história cultural, Colégio Regina Coeli, culturas escolares.

Considerações Iniciais

A pesquisa “História do Colégio Regina Coeli: De Escola Confessional à Escola Comunitária (1948-1980)”, que está sendo desenvolvida e deu origem a esse trabalho², surgiu do desejo de narrar a história do Colégio Regina Coeli. Foi motivada pela percepção de não existirem trabalhos específicos da história das instituições de ensino de Veranópolis e por se constituir em um trabalho historiográfico inédito. Na busca por respostas sobre a educação do município, é possível encontrar pequenos textos, inseridos em livros sobre Veranópolis, porém apresentados de forma sucinta.

A escolha da instituição e o recorte de tempo delimitado têm como intuito buscar respostas sobre as causas e consequências da transição de uma escola confessional católica para uma escola comunitária. O desenvolvimento de tal pesquisa possibilitará a sistematização de um estudo para a comunidade veranense, narrando a história de uma escola que possui um papel significativo na educação do município e da região, em diferentes épocas e contextos.

¹ Mestranda na Universidade de Caxias do Sul - Mestrado em Educação.

² O texto é resultado de uma análise parcial de pesquisa que vem sendo desenvolvida no âmbito do mestrado.

O objetivo do estudo é produzir uma narrativa sobre a história do Colégio Regina Coeli, nos anos de 1948 a 1980, localizado em Veranópolis, buscando analisar as motivações e possíveis transformações decorrentes da passagem de uma escola confessional para uma comunitária, atentando para as culturas escolares. Para tal, está sendo construído um corpus empírico documental a partir da pesquisa de fontes do acervo escolar, das memórias e dos documentos relacionados ao objeto de estudo.

A delimitação de 1948 a 1980 é proposta, pois, diante do percurso histórico da escola Regina Coeli, que compreende o período de 1917 aos dias atuais, fica inviável desenvolver a investigação de toda a história da instituição. A escolha está relacionada a fatos importantes, sendo demarcado o ano de 1948 para o início do estudo, pois foi neste ano que o prédio do colégio foi inaugurado e partir deste momento, a escola passa a denominar-se Regina Coeli. A data limite de 1980 foi pensada levando-se em consideração dados sobre a direção da escola ao longo dos anos. Depois de ter passado da condição de confessional católica³ para comunitária⁴ em 1969, a direção da escola continuou sendo administrada por Irmãos de São José até o ano de 1976. A partir de 1977 a escola passou a ser dirigida por leigos⁵, tendo tido dois diretores até 1980.

É importante destacar que em Veranópolis não existem mais escolas confessionais, pois houve transformação ou fechamento de tais escolas, seja das Irmãs de São José ou dos Irmãos Maristas. Além do Colégio Regina Coeli, o município possui mais duas escolas comunitárias, administradas por diferentes associações: Colégio Evolução e Colégio Agrícola de Veranópolis. Desses, sendo o Colégio Regina Coeli o que passou do status de escola confessional católica para comunitária, se mostra propício estudar sua história e as possíveis transformações nas suas culturas escolares.

A pesquisa está ancorada na perspectiva da História Cultural e está sendo desenvolvida com base em documentos e sujeitos relacionados à educação e à instituição de ensino Regina Coeli.

³ Escola Confessional Católica refere-se à escola administrada por congregações religiosas. O colégio em estudo era dirigido pela Congregação das Irmãs de São José.

⁴ A definição de “escola comunitária” é utilizada para explicitar uma nova forma de organização, em que o CECOVEA (Centro Comunitário Veranense da Educação e Assistência) assume a administração da escola. O CECOVEA, de acordo com seu estatuto, “é uma entidade educativa, social, assistencial, cultural e desportiva de caráter filantrópico” (Art. 1º, p. 1). A Entidade é sem fins lucrativos e não distribui resultados. De acordo com o Artigo 7º, a entidade não remunera, nem concede vantagens ou benefícios aos seus integrantes, com exceção da diretoria da Escola. (Estatuto, p.2).

⁵ A denominação de leigos é utilizada para os indivíduos que não são ordenados na Igreja Católica.

A perspectiva da História Cultural⁶ permite pensar em novos objetos, novas fontes e problemas, torna possível o desenvolvimento de um projeto de pesquisa próximo a uma realidade vivenciada, permeada por experiências subjetivas, cheia de significado pessoal e cultural.

A partir da escolha do objeto de pesquisa e dentro da linha de História da Educação, são consideráveis as contribuições de Burke, Ginzburg, Le Goff, Chartier e Pesavento. Diante do percurso histórico da instituição e dos documentos disponíveis para a pesquisa se fará necessário utilizar recortes de sua história, pois não é possível contemplar todos os aspectos e tempos históricos em uma única pesquisa. Para tanto, pautada nos pressupostos da História Cultural, o estudo considera as incompletudes, as impossibilidades, os diferentes discursos, percebendo a cultura como um conjunto de signos e significados construídos e vivenciados pela sociedade.

Burke (1992), ao diferenciar a história tradicional da Nova História, afirma que esta última abre a possibilidade de analisar a estrutura de diferentes objetos de estudo, presentes na vida cotidiana, passando a existir interesse por toda a atividade humana. Uma consideração pertinente é que além de tudo ter história, os conhecimentos construídos, narrados e perpassados são selecionados pelos indivíduos. Sendo assim, não existem verdades absolutas e nem uma única verdade a respeito dos acontecimentos.

Para melhor entender a História Cultural, podemos recorrer aos conceitos centrais explicitados por Pesavento (2005). Os conceitos de representação, imaginário, narrativa, ficção e sensibilidade reorientam a pesquisa em história e, conseqüentemente, a postura do historiador. Chartier também desenvolve os conceitos de representação, narrativa e de ficção ao considerar a “história como escrita, compartilhando com a ficção seus procedimentos narrativos, e como representação de um passado que já não é, mas que foi” (2001, p.165).

Os conceitos apresentados, por Chartier e Pesavento, se inter-relacionam e são determinantes na construção de histórias a partir da perspectiva cultural. Por isso, é possível afirmar que influenciam o historiador no processo de acesso e narração do passado, desde o momento de escolha do tema, formulação de perguntas e hipóteses, até a seleção das fontes, análise e expressão dos resultados.

Outro conceito central na construção da pesquisa citada é o de cultura escolar, que é apresentado e discutido por diferentes autores. Dominique Juliá, Viñao Frago, Diana

⁶ A História Cultural também é chamada de Nova História ou Nova História Cultural, porque apresenta uma nova forma de trabalhar a cultura. De acordo com Pesavento, “trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelo homem para explicar o mundo”. (2005, p.15).

Gonçalves Vidal e Augustín Escolano Benito, contribuem para reflexões acerca do tema. André Chervel e Jean Claude Forquin, também apresentaram discussões importantes para entender o conceito.

Apesar de muitos autores utilizarem o conceito no singular, neste trabalho o termo cultura escolar é utilizado plural, pois em diferentes instituições, ou na mesma instituição, permeiam diferentes culturas, que têm influências dos tempos, espaços e sujeitos que estão inseridos no ambiente escolar. Viñao Frago prefere utilizar o termo “culturas escolares”, pois, de acordo com Vidal (2005, p.35), “além de abarcar as mais diversas dimensões do cotidiano da escola e de se desfolhar sobre a sociedade, a cultura escolar para o autor, variava também de acordo com a instituição investigada”.

Faria Filho (2002) afirma que a cultura escolar permite “articular, descrever e analisar, de uma forma muito rica e complexa, os elementos-chave que compõe o fenômeno educativo tais como os *tempos, os espaços, os sujeitos, os conhecimentos e as práticas escolares*” (p.17). O autor se refere à estratégia do espaço escolar, onde a defesa de um espaço específico para escolarização pode ser entendida, como “uma busca de dotar a instituição escolar de um lugar *próprio*, na cena social, possibilitando-lhe definitivamente distinguir-se da casa, da igreja e da rua e, por conseguinte, das culturas e das sensibilidades que por aí circulam” (p. 18). A busca por um local adequado para o Colégio Regina Coeli, assim como a construção de um prédio específico para a escola, demonstra essa preocupação.

Escolano (1998) se refere à arquitetura escolar⁷ e, através de suas considerações, é possível levantar uma série de hipóteses a respeito da pesquisa que está sendo realizada. Uma reflexão que emergiu diz respeito à troca de nome da escola, objeto desse estudo, que mudou a partir do momento em que passou a ter um prédio próprio, construído especificamente para tal.

Para a realização da pesquisa está sendo utilizada como referência metodológica a análise documental, que permitirá conhecer os documentos que representam o passado e, como afirma Pesavento (2005), possibilitará transformar “os vestígios do passado em fonte ou documento, mas é preciso fazê-los falar”. (p.63)

⁷ Para o autor a arquitetura escolar “pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja, por si mesma, bem explícita ou manifesta”. (Escolano, 1998, p. 45).

Le Goff (1994) define, diferencia e aproxima os conceitos de documento e monumento⁸, apresentando também contribuições importantes sobre o papel do historiador. Considerando suas ideias relevantes para o desenvolvimento da pesquisa, estão sendo utilizadas estratégias de coleta de dados e análise de documentos disponíveis nos arquivos do Colégio Regina Coeli, buscando rastrear a historicidade da instituição. Os documentos referem-se aos regimentos escolares, estatutos, registros, atas de matrículas e de exames, jornais da escola, artigos de jornais municipais que citam o Colégio Regina Coeli, fotografias, e outras fontes escritas que vierem a ser encontradas na instituição de pesquisa.

Nas buscas já realizadas, encontraram-se regimentos, ofícios e descrições, porém merecem destaques as fotos, principalmente as encontradas em uma pasta que é alusiva ao cinquentenário da escola. Por isso, é importante mencionar que as fotos serão utilizadas como documentos na narração dessa história, podendo inclusive auxiliar na evocação da memória dos entrevistados.

As entrevistas estão sendo realizadas com sujeitos envolvidos na história da Escola, para auxiliar na compreensão dos tempos e espaços pesquisados. Assim, a história oral também é utilizada, já que nem tudo é registrado em fontes escritas, e estão sendo encontradas lacunas que dificultam a interpretação e narração da história do Colégio Regina Coeli.

Alberti (2005, p.155), auxilia na compreensão do papel da história oral ao afirmar que ela “permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”. A autora também expressa as possibilidades da história oral: “Uma das principais riquezas da História oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas” (p.65)

A História oral permite conhecer as diversas histórias inseridas dentro dos acontecimentos e vivências, e no caso deste estudo, dentro da história do Colégio Regina Coeli. As entrevistas, que podem reforçar os indícios encontrados nas fontes escritas, estão sendo realizadas com indivíduos que presenciaram a transição de uma escola confessional católica para uma escola comunitária, assim como com sujeitos que conhecem aspectos relevantes da instituição, como, por exemplo, diretores que atuaram depois da transição. Sendo assim, os entrevistados são professores, ex-professores, Irmãs de São José, ex-alunos,

⁸O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (1994, p.545).

ex-diretores e direção atual. Com isto, será possível conhecer as narrativas de representantes dos diferentes grupos que constituíram e constituem a história do Colégio Regina Coeli.

Os entrevistados são sujeitos que participam ou participaram da história do colégio, em diferentes papéis. Dependendo do papel desempenhado na instituição há um roteiro de entrevista diferenciado, que é utilizado apenas para nortear o diálogo entre entrevistador e entrevistado. As entrevistas são abertas, temáticas e tem o objetivo de buscar informações sobre a participação, o testemunho e as concepções a respeito do Colégio Regina Coeli.

Através da utilização dos indícios e documentos rastreados, referente ao período de 1948 a 1980, está sendo realizada uma análise da cultura escolar, atentando para os diferentes aspectos que a constituem e buscando responder às questões sobre a história da instituição, incluindo comunidade escolar, espaço e tempo, arquitetura, procedimentos e normas. A partir da coleta de informações, de acordo com Bacellar (2005, p.71), o historiador “já pode cotejar informações, justapor documentos, relacionar texto e contexto, estabelecer constantes, identificar mudanças e permanências e produzir um trabalho de História”, através da análise e interpretação das fontes.

Cenário histórico e primórdios da educação em Veranópolis

Na busca de referências a respeito da história de Veranópolis, encontram-se muitas lacunas devido às poucas obras relacionadas ao tema. Dentre as produções encontradas, destaca-se o Frei Rovílio Costa, por ter coordenado dois livros que narram aspectos importantes da história do município: *Povoadores das Colônias Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado* (1997) e *Raízes de Veranópolis* (1998), organizado para comemorar o centenário do município. No primeiro consta a transcrição do *Livro-Tombo da Paróquia São Luiz Gonzaga da Colônia Alfredo Chaves*, que de acordo com o autor “tem por objetivo propor um documento contínuo de seus primórdios”. (p.17). Costa assinala a influência decisiva que a igreja teve sobre o destino dos imigrantes. (1997, p.17).

O Frei Dionísio Veronese também contribui para entender a história do município atrelada a um viés mais religioso, com a obra: *Colônia de Alfredo Chaves – Cem anos de história religiosa. 1886-1982. Centenário da Primeira Missa*, publicada em 1986.

Outra obra que merece ser citada é *História de Veranópolis*, de Geraldo Farina (1992), que narra a história do município desde os primórdios, apresentando uma visão geral de muitos aspectos e acontecimentos, mas por isso mesmo, sem muito aprofundamento. O livro *Alfredo Chaves e seus Imigrantes: Registro de Imigrantes na Colônia Alfredo Chaves de 1888 a 1896*, coordenado por Leia Heineberg, apresenta algumas informações do município

providas do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (Documento SA 071, 3º Livro de Registro de Imigrantes, do Fundo Documental Imigração Terras e Colonização. Refere-se à ex-colônia Alfredo Chaves, hoje Veranópolis, de 1888 a 1892).

Em relação à história da educação do município, não existe nenhuma pesquisa específica. É possível encontrar apenas algumas considerações gerais, relatadas nos livros citados, e na dissertação de Mestrado de Adiane Fogali Marinello: *Quando o poeta toma partido: Literatura e Política em Mansueto Bernardi*, que apresenta as relações de Mansueto Bernardi com a educação do município, inclusive com as Irmãs de São José e o Colégio Regina Coeli.

A antiga colônia de Alfredo Chaves foi fundada em 1884, emancipada em 1898, e teve substituição do topônimo por Veranópolis em 02/01/1945. Farina (1992) tece uma breve narração do início da educação no município de Alfredo Chaves e descreve que a educação no município teve longa história, porém permeada por muitas deficiências.

Inicialmente surgiram algumas escolas particulares leigas, com aulas ministradas em italiano e até polonês. No final do século XIX foram criadas algumas escolas públicas subvencionadas pelo Estado ou Município. No entanto, é fato comprovado pelos Relatórios, que durante várias décadas o ensino ficava em segundo plano, embora o discurso dos responsáveis dissesse o contrário. Em várias administrações, o número de soldados da Guarda Municipal era maior do que o número de professores. (p.223).

A partir desse trecho, é possível perceber a dificuldade de se estabelecer escolas formais no município, principalmente quando se tratava da esfera pública. Fica claro que a educação não tinha a mesma importância que outros setores do município, e pelo número de soldados pode-se levantar a hipótese que uma das principais preocupações era a “manutenção da ordem”, aparecendo características de um Estado autoritário.

Nos “Ofícios e Circulares” do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (INSPETORIA ESPECIAL DE TERRAS E COLONIZAÇÃO – POA – 1888 - LATA 281 – MAÇO 11), a construção da Igreja e da escola são citadas conjuntamente:

Durante o anno proximo findo deo-se começo dos trabalhos para a constucção de uma Igreja e de uma escola, na sede da colonia Alfredo Chaves. A Igreja tem 36 metros de comprimento sobre 14 de largura, e a escola 25 metros de largura sobre 9 de comprimento. (...) É provavel que dentro de 40 dias a escola ache-se concluida. Com a escola dispendeu-se-la quantia de 10:000\$000R\$ que foi para esse fim designado⁹.

A primeira escola publica, subvencionada pelo Estado, tudo indica, de acordo com Farina (1992), que tenha sido criada no final do século XIX, “na qual Adolfo Pinheiro

⁹ O texto foi transcrito na linguagem original.

Guimarães Dourado, nomeado em 1904 foi um dos pioneiros dos professores. Substituído em 1906 pela esposa, a professora Julieta Ribeiro Dourado” (p.223).

Farina (1992) ainda descreve que em 1901, o professor e historiador Eduardo Duarte fundou o Colégio Brasileiro, particular e leigo, que funcionava com internato e externato, para alunos do sexo masculino, e que esteve em atividade até o ano de 1914, quando seu diretor Eduardo Duarte, se mudou para Porto Alegre e a escola deixou de existir.

A escola mais antiga em atividade, citada por Farina (1992) é a Escola Estadual de 1º Grau Felipe dos Santos, criada com o nome de Grupo da Vila de Alfredo Chaves, e, até 2010, denominada de Escola Estadual de Ensino Fundamental Felipe dos Santos. De acordo com o autor é a “escola mais antiga em atividade permanente no perímetro urbano”, que teve como diretor o professor nomeado pelo Estado Adolfo Pinheiro Guimarães Dourado. (p.223) Inicialmente estava localizada em um prédio de madeira na Praça 15 de Novembro e em 1942, com recursos do Governo do Estado, foi construído o atual prédio, na Avenida Osvaldo Aranha, que abriu as suas portas no dia 1º de setembro de 1943. Em 2011, a escola foi municipalizada e passou a denominar-se Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe dos Santos.

História do Colégio Regina Coeli

A pesquisa sobre a história do Colégio Regina Coeli, por estar sendo desenvolvida, no âmbito do mestrado, permite apresentar apenas algumas considerações parciais no presente texto. Para narrar tal história, faz-se necessário considerar a história da Congregação das Irmãs de São José, que é apresentada no livro “Irmãs de São José: resgatando aspectos da caminhada (1898-1998)”, escrito pelas Irmãs Helena Itália Moreschi e Maria Leônida Fávero, com a colaboração de outras Irmãs.

De acordo com as Irmãs (1998), o movimento que deu início à Congregação das Irmãs de São José ocorreu no século XVII, na cidade de Le Puy-en-Velay, na França, quando São Francisco de Sales (1567-1622) idealizou uma instituição religiosa feminina com o objetivo de se dedicar a obras de caridade. Como a Igreja não aceitava que religiosas vivessem fora do claustro, constituiu-se a Instituição das Irmãs Visitandinas com estrutura monástica.

Mas foi o jesuíta Pe. Jean Pierre Médaille que fundou o “Pequeno Projeto” que deu início à Congregação das Irmãs de São José, que tinha como objetivo: “organizar grupos, constituídos de três, quatro, ou seis mulheres, geradores de vida, zelosos da glória do Pai e do serviço ao próximo, realizando a união entre si, com todas as pessoas e com Deus”. (1998,

p.14). O Projeto foi se solidificando e se transformando em uma comunidade de vida ativo-contemplativa, a serviço da caridade, dirigida ao povo. Com o aumento de participantes no Projeto, Padre Médaille expôs o desejo de fundar uma congregação para o bispo Mons. Henrique de Maupas de Le Puy-en-Velay. O Bispo concretizou o sonho, nascendo assim, em 15/10/1650 a Congregação das Irmãs de São José.

O Padre Grazziotin, em seu trabalho intitulado “Pressupostos da Prática Educativa na Diocese de Caxias do Sul – 1934 a 1952”, ao descrever sobre a participação da igreja católica na educação em Caxias do Sul, faz referência à chegada das Irmãs de São José na região sul. A instalação da Congregação das Irmãs de São José em Veranópolis deriva do mesmo movimento.

O pesquisador narra as influências da vinda das congregações religiosas para o sul do país, quando Dom Cláudio José Ponce de Leão esteve à frente do bispado do Rio Grande do Sul, de 1890 a 1912. Dom Cláudio preocupou-se com o grande número de imigrantes europeus que chegavam ao estado, devido ao movimento romano de Restauração Católica, e contava com um número reduzido de religiosos para o atendimento pastoral e para os aspectos educativos e catequéticos.

Por outro lado, de acordo com Grazziotin (2010) houve o fechamento e desapropriação de escolas de congregações religiosas que atuavam na Europa, pois os governantes começaram a priorizar o ensino laico e estatal. Aliando as necessidades da região, de um acompanhamento social e religioso mais efetivo para os imigrantes, e o fechamento ou desapropriação de escolas confessionais católicas, Dom Cláudio convidou as congregações religiosas que se sentiam perseguidas para se instalarem no Rio Grande do Sul.

De acordo com as Irmãs Helena Itália Moreschi e Maria Leônida Fávero, existiam apelos de diferentes pessoas, inclusive do Bispo Cláudio, para que as Irmãs de São José viessem para o Brasil, e mais especificadamente para a região sul. Em 1898, quatro Irmãs foram enviadas ao Rio Grande do Sul. Chegaram ao povoado de Conde d’Eu (hoje Garibaldi) em 23/12/1898. “Foram as primeiras religiosas a pisar o solo da serra gaúcha e a quarta Congregação no Rio Grande do Sul”. (1998, p.37).

A principal meta das Irmãs era a Educação. Em 16/01/1899, fundaram a escola de São José em Conde d’Eu. A partir de então, foram fundadas escolas em diferentes localidades do Rio Grande do Sul: em Antônio Prado (1900), em Caxias do Sul (1901), em Flores da Cunha (1901), em Veranópolis (1917), dentre outras.

Uma década após a chegada das Irmãs de São José no Estado, elas possuíam Conventos e Casas de Ensino em Garibaldi, Antônio Prado, Caxias do Sul, Porto Alegre e

Vacaria. (Fávero, in Costa, 1998, p.395).

As Irmãs de São José chegaram a Veranópolis (na época denominada Alfredo Chaves) no dia 29/01/1917, onde iniciaram seu trabalho no campo da Educação. Eram quatro Irmãs, que estavam no município e que fundaram o Colégio Regina Coeli, administrando-o até 1969, momento em que passou a ser considerado colégio comunitário. Essa definição é assumida, pois a escola passa a ser administrada pelo CECOVEA¹⁰ (Centro Comunitário Veranense da Educação e Assistência), que foi formado para administrar o colégio dos Irmãos Maristas e a Escola Regina Coeli.

Fávero (1998) reproduz fragmentos do *Livro Tombo* n° 1, da Paróquia São Luiz Gonzaga, de Alfredo Chaves (hoje Veranópolis), correspondente às páginas 40 e 41:

Fundação do Collegio das Irmãs de São José – Foi este o mais faustoso acontecimento de 1917(...) Enfim a Revma. Madre Joanna Victoria, Provincial das Irmãs de S. José no Rio Grande, avisou o Pe. Luiz que, no principio deste ano teria sido possivel a projectada fundação. As condições que propunha eram simples e vantajosas: uma casa provisoriamente alugada e provida da mobília necessaria às Irmãs. Encontrou-se imediatamente uma ocasião providencial. O homem de bem que é o senhor Guilherme Giugno tinha levantado uma boa casa de taboas, com porão de material, poço e horta, manifestando o pressentimento que se tornaria mais tarde bastante commoda para um Collegio. Elle offerececia com aluguel adaptavel ao número de alumnas. O Pe. Luiz, com comissão escolhida por elle angariou donativos na villa. A generosidade das familias, que comprehendiam a utilidade da Obra, fez que em poucos dias houve a quantia necessaria para mobilia da qual fez-se presente às Irmãs sem condição. De acordo com a Madre Provincial resolveu-se de accrescentar à mensalidade de cada alumna a quantia de \$500RS para o aluguel da casa. Estando assim tudo preparado para a Rev Madre Joanna Victoria, aos 29 de janeiro de 1917, dia de S. Francisco de Sales, tomou posse da casa e installou a comunidade que comprehendia quatro freiras: Madre Angela, Irmãs Olympia, Clemencia, Eugenia. Logo começaram as aulas e o Collegio gozou, desde o principio de toda a sympathia da nossa população. Modestamente com zelo das almas que caracteriza sua Congregação e com espírito de sacrificio que admiramos, as Irmãs dedicaram-se à educação da mocidade, à limpeza e ornamentação da Matriz, com edificação da Parochia. Os resultados foram lisongeiros. Desde o primeiro anno notou-se o bom espírito das alunas e a plena satisfação das familias. (p.395-396)¹¹.

Ainda de acordo com Fávero, como o número de alunos foi aumentando progressivamente, tornou-se necessário um novo local. Por isso, a Congregação adquiriu o prédio da Intendência (Prefeitura Municipal), citado no Livro Tombo n° 1, p. 43: “*para a instalação definitiva do Collegio São José. O prédio tinha imensas vantagens; vasto quintal, água, boa casa, facilidades se der augmentada, numa situação isolada perto da Igreja*”. (Fávero in Costa, 1998, p. 396) Mais tarde, em 30/05/1948, com um novo prédio, o Colégio

¹⁰ Criado pela comunidade em 1969, para assumir dois educandários: a Escola Normal Regina Coeli e o Ginásio, e a Escola Divino Mestre. (Fávero, 1998, p.400)

¹¹ O texto foi transcrito na linguagem original.

São José, “como preito de louvor e gratidão à Rainha do Céu, passou a chamar-se Regina Coeli”. (Fávero, 1998, p. 396).

De acordo com Farina (1992), na entrada do edifício foi colocada uma placa com os seguintes dizeres:

Ginásio Regina Coeli. Este educandário das Irmãs de São José foi construído pelo Engenheiro Hermínio Lima da Silva, por iniciativa da Comissão Pró-Ginásios de Veranópolis, da qual foi presidente Mansueto Bernardi, secretário Mansueto Dal Pai e tesoureiro Gomercindo Carlos Roehe. Era Provincial Madre Felicidade e diretora da Escola Madre Jeane Aimée. Foi inaugurado pelo governador Walter Jobim e Bento pelo Bispo Diocesano Dom José Baréa no dia 30.05.48. Deo Gratias. (p.230).

A Comissão Pró-Ginásios, presidida por Mansueto Bernardi, foi organizada porque Veranópolis “carecia de maior espaço para o crescente número de rapazes e moças de famílias abastadas que pretendiam cursar o Ginásio” (Farina, 1992, p.229). Nesta época, estavam em funcionamento no município o colégio São Luiz Gonzaga, dos Irmãos Maristas e o Colégio São José. De acordo com Costa (1998), tal comissão foi constituída com o objetivo de reformar o prédio dos Irmãos Maristas (para o ensino secundário masculino) e construir o Ginásio Regina Coeli (para as meninas).

Em 1954, a Escola passou a ser denominada de Escola Normal Regina Coeli, pois foi criado o curso de Formação de Professoras Primárias e Pré-Primário. Em 1969, com o número reduzido de Irmãs de São José e de Irmãos Maristas, a comunidade assumiu os dois educandários: a Escola Normal Regina Coeli e o Ginásio, e a Escola Técnica Divino Mestre. Para tal, foi criado o CECOVEA (Centro Comunitário Veranense da Educação e Assistência). A partir de então os colégios começaram a trabalhar com turmas mistas. (Pessin, in Costa, 1998).

O Centro Comunitário Veranense da Educação e Assistência é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, que não remunera seus dirigentes voluntários. Tais dirigentes são eleitos pelo Conselho Deliberativo, que é composto por pais, alunos maiores, e eventualmente por colaboradores aprovados por Assembleia Geral.

O conselho Deliberativo é composto por doze conselheiros, dentre eles um conselheiro indicado pela Prefeitura Municipal, o Presidente do Círculo de Pais e Mestres, representantes do corpo docente, discente e funcionários. Este colegiado elege a Diretoria composta de quatro cargos (presidente, vice-presidente, tesoureiro e secretário) e o Conselho Fiscal composto de três membros titulares e três suplentes, para mandato de dois anos.

Considerações Finais

As considerações apresentadas correspondem a resultados parciais de uma pesquisa que está sendo desenvolvida. As buscas por documentos a respeito do Colégio Regina Coeli continuam, já tendo sido encontrado registros importantes que permitem construir uma narrativa da história da escola. Os principais documentos encontrados referem-se a fotos, atas de exames, registros de matrículas, atas de visitas, dentre outros. Até o presente momento, foram encontradas mais informações em relação aos primeiros anos de funcionamento da escola. Talvez, por isso, ainda seja necessário fazer reajustes no recorte de tempo proposto para a pesquisa.

As atas de matrículas informam qual era o perfil dos alunos matriculados, permitindo observar também o momento e as séries em que as turmas começam a ser mistas¹², já que nem sempre o foram. Os registros das visitas de inspeção, de autoridades da educação e da comunidade educativa, fazem menção a aspectos positivos em relação à inserção da escola na comunidade, o papel e o trabalho desenvolvido na educação do município.

A busca por documentos e a realização de entrevistas, está possibilitando a construção da narrativa da história do Colégio Regina Coeli. Apesar da pesquisa não estar concluída, já é possível perceber a relevância dos dados obtidos para a compreensão da cultura escolar do município de Veranópolis. Considerando que não há estudos historiográficos sobre a educação do município de Veranópolis, pode-se considerar a originalidade dessa proposta. Sendo assim, o desenvolvimento dessa pesquisa se mostra relevante à comunidade veranense, pois deixará registros da história de uma escola que contribuiu, e continua contribuindo, com a educação de muitos cidadãos do município. Os resultados poderão contribuir para o entendimento da educação, transcendendo assim sua relevância para além do município de Veranópolis, auxiliando na compreensão da historicidade da região e do Estado.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes Orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155 - 202.

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL - Inspetoria Especial de Terras e Colonização: *Ofícios e Circulares*. Porto Alegre: LATA 281, MAÇO 11, 1888.

¹² Compostas por alunos do sexo masculino e feminino.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 23- 79.

BURKE, Peter. Abertura: A nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 7-37.

CHARTIER, Roger. Epílogo. As práticas da história. In:_____. *Cultura Escrita, Literatura e História: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001, 161 a 186.

COSTA, Rovílio (Org.) *Povoadores das Colônias Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado*. Porto Alegre: EST Edições, 1997.

COSTA, Rovílio (Org.). *Raízes de Veranópolis*. Porto Alegre: EST, 1998.

ESTATUTO DO CENTRO COMUNITÁRIO E VERANENSE DE EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA – CECOVEA. Veranópolis, 07/04/2010.

ESCOLANO, Antonio. Arquitetura como Programa. Espaço-Escola e Currículo. . In: FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Augustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Tradução Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: 1998, p.19-57).

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: elementos teórico-metodológicos de um programa de pesquisa. In: *Lopes, Alice Casimiro & Macedo, Elizabeth*. (Orgs.) Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 13-71.

FARINA, Geraldo. *História de Veranópolis*. Veranópolis: SMED, 1992.

FÁVERO, IRMÃ MARIA LEÔNIDA. *Irmãs de São José no campo religioso, cultural e social*. In: Costa, Rovílio (org.). *RAÍZES DE VERANÓPOLIS*. Porto Alegre: EST. 1998, pp. 395-399.

FRAGO, Antonio Viñao. Introdução. In: FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Augustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Tradução Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: 1998, p. 7-17.

GRAZZIOTIN, Roque M. B. *Pressupostos da Prática Educativa na Diocese de Caxias do Sul-1934 a 1952*. 2010, 128f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.

HEINEBERG, Leia (Coord.). *Alfredo Chaves e seus Imigrantes: Registro de Imigrantes na Colônia Alfredo Chaves de 1888 a 1892*. Arquivo Histórico do Rio Grande Do Sul. Coleção Fontes. Porto Alegre: Edições EST, 1995.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In:_____.*História e Memória*. 3ª ed. Trad. de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora UNICAMP, 1994, p. 535 -539.

MARINELLO, Adiane Fogali. *Quando o poeta toma partido: literatura e política em Mansueto Bernardi*. 2005, 187f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.

MORESCHI, Helena Itália & FAVERO, Maria Leônida (Orgs.). *Irmãos de São José no Rio Grande do Sul: Resgatando aspectos da Caminhada (1898-1964)*. Porto Alegre: La Salle, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESSIN, Dalino. Regina Coeli: 80 anos de história na educação de Veranópolis. In: Costa, Rovílio (Org.). *Raízes de Veranópolis*. Porto Alegre: EST, 1998, pp. 399-401.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VERANÓPOLIS. Site: www.veranopolis.rs.gov.br
VERONESE, Frei Dionísio. *Colônia de Alfredo Chaves – Cem anos de história religiosa. 1886-1986. Centenário da Primeira Missa*. Canoas: La Salle, 1986.

VIDAL, Diana. *Culturas Escolares: Estudos sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, fina do século XIX)*. Campinas: Autores Associados, 2005. (Coleção Memória da Educação).